

SOBRE O FAZER FORMATIVO NO ENSINO DE FILOSOFIA E SEU ENCONTRO A LDB

Emanoel Luís Roque Soares

Em 20 de dezembro de 1996 com o surgimento da nova LDB (Lei de Diretrizes Curriculares nº 9.394/96) as disciplinas Filosofia e Sociologia, que haviam sido banidas do ensino médio com o advento do golpe militar de 1964, retornam ao currículo como disciplinas optativas, que podem ser ofertadas ou não, dependendo da direção da escola, que é quem vai decidir sobre o preenchimento dos 25% do currículo destinado, às disciplinas optativas.

§ 1º. Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizados de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre:

I - dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna;

II - conhecimento das formas contemporâneas de linguagem;

III - domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania. (LDB. Art. 36, cap. II, título V, § 1º, inciso III)

Para entendermos como a Filosofia chegou no Brasil e seu desenvolvimento até o presente momento, é necessário uma explicação cronológica desde a época de sua chegada até à LDB:

1930 - quem a traz para o Brasil são os jesuítas e desde então nunca teve um lugar definido no currículo escolar, sendo que, somente em 1930, passou a ser reconhecida e a disputar espaço com outras disciplinas.

1970 – deixa de fazer parte do programa oficial, ou seja, perde sua obrigatoriedade.

1572 – Primeiro curso de Filosofia no Brasil acontece no colégio dos jesuítas em Salvador que, no final do curso, conferia o grau de bacharel e de mestre em Artes e Filosofia ao estudante.

1776 – Os franciscanos, com base nos estatutos da Universidade de Coimbra, inauguravam uma “aula régia” de Filosofia no Rio de Janeiro, com cinco cadeiras para Filosofia.

1827 – A Filosofia era ministrada nos Cursos das Faculdades de Direito de São Paulo e Recife, voltada para o humanismo e o pensamento pedagógico.

1837 – No Rio de Janeiro é fundado o colégio D. Pedro II e o governo da província impõe a Filosofia como disciplina obrigatória nos currículos dos Liceus.

1879 – Com os ecos da revolução francesa e pautada na filosofia de Rousseau, o ensino de Filosofia através de reforma, promovida por Carlos Leôncio de Carvalho, mantém-se nos locais já existentes, além de ser incluída de uma forma livre nos colégios normais, no ensino primário, secundário e superior em todo o Império.

1915 – Na reforma de Carlos Maximiliano, a Filosofia passa a ser facultativa em detrimento da obrigatoriedade das disciplinas ditas científicas.

1925 – A Filosofia visando uma formação para a “cultura geral”, foi incluída nas duas últimas das seis séries do ensino secundário, na reforma promovida por Rocha Vaz.

1930- Com a revolução, Francisco Campos e Gustavo Capanema promovem o retorno efetivo de Filosofia ao currículo do ensino médio como disciplina obrigatória do científico e do curso clássico.

1960 – Com a Lei nº 4.024/61, o Conselho Fiscal de Educação colocou a filosofia entre as disciplinas complementares

que poderiam ou não estar entre as obrigatórias no ensino médio.

1964 – Com o golpe militar, a disciplina passou a ser optativa, dependendo da direção do estabelecimento de ensino.

1971 – E com a Lei nº 5.692/71 do Ensino Médio que promovia a inclusão das disciplinas técnicas a exclusão de Filosofia e outras disciplinas de cunho humano foi total.

1996 – Com o surgimento da nova LDB (Lei de Diretrizes Curriculares), nº 9.394/96 de 20 de dezembro a Filosofia, através de uma menção dúbia, retorna ao currículo como disciplina optativa, que pode ser ofertada ou não, dependendo da direção da escola.

Tal explanação histórica das idas e vindas da Filosofia ou ensino médio foi feita para que melhor possamos entender e analisar os desdobramentos e possibilidades da Filosofia nos tempos atuais, em uma entrevista concedida pelo professor Dante Augusto Galeffi ao grupo de pesquisa do projeto PIBIC 2013/2014 nomeado; O Ensino de Filosofia em Amargosa e no Vale do Jequiriçá, do qual faziam parte os seguintes discentes Adriana Conceição dos Santos, Jociel Nunes Vieira e Aldvane de Almeida Araujo.

PIBIC 2013/2014 – O professor acha que o currículo da universidade contempla o ensino de educação filosófica de acordo com as demandas e as necessidades da área?

DANTE – Claro que não. Não tenho dúvida que não, porque é um ensino fragmentador. A área é uma coisa e a educação é uma técnica que você vai usar para aprender a dar aula, para o plano de aula, para planejar atividade que também é um processo da racionalidade técnica, moderna essa coisa de planejamento, porque muitas das nossas atividades não são suscetíveis de planejamento, ou seja, são coisas que nós fa-

zemos que são imprevisíveis, o planejamento não dá conta. Essa racionalidade técnica que está posta quer fazer do ser humano uma máquina programada, vou agora acordar, vou tomar café, vou tomar banho, vou agora fazer isso, vou agora fazer aquilo, como se você pudesse programar a atividade cotidiana da nossa vida. Então, a formação não dá conta porque você ela está dicotomizando as áreas, mesmo que a Filosofia não é vista com clareza como atividade formadora e integradora de todos os saberes, você perde este conceito fino que encontra no Sócrates, que encontra nos filósofos, mas que escapa ao processo formativo, a consciência humana, ao desenvolvimento dessa consciência coletiva, dessa consciência de relação porque isso aí é como se fosse não manter este mistério para manter uma minoria no agenciamento do processo de dominação, que é o processo da própria razão e do próprio conhecimento, conhecimento a serviço de uma minoria que tem uma ascendência, que tem uma força de ação maior do que outras pessoas. Só que também isso não é uma característica que marca o ponto da Filosofia que ficou para trás, sobretudo aqui no Brasil. Então, a filosofia brasileira é formada a partir de um modelo importado da França que é um modelo historicista, exegético, modelo que se baseia no texto canônico, não pode ser qualquer texto, não pode ser um texto de um desconhecido, de um pensador popular ou de uma pessoa que tem uma sabedoria, tem que ser um texto canônico, escrito. Você não pode ler a natureza como os hermenutas do Século XIX abriram como perspectiva, leitura do mundo, falava disso que faz parte da hermenêutica filosófica, que falava desta característica, leitura de mundo que você faz enquanto ser que está neste mundo que tem sentido é está aberto para muitos textos, textos visuais, auditivos, sensoriais no sentido amplo, perceptivos. Então, o que acontece, há um descompasso em relação a essa informação, o modelo não dá

conta em virtude de uma padronização, de uma modelização homogeneizante, centralizadora, hierarquizante. Você teria que fazer fusões e misturas com as áreas de conhecimento. Hoje em dia o que se verifica e que você pode averiguar (qualquer um pode), o pensar humano está presente em muitas áreas de conhecimento que não são chamadas de filosofia, pode ser na biologia, na química, na astronomia, na cosmologia, na física quântica é uma área pensante extraordinária até com uma fantasia grandiosa onde você tem teorias que são mirabolantes, a própria teoria dos multiversos, a teoria das supercordas, a teoria quântica; você tem pensamentos que são rigorosamente filosóficos mas não tem a marca filosofia porque a marca filosofia ela tem todo um agenciamento literário e limites que se constituiu assim. Então como é que você faz isso? Tem que ser uma mudança muito radical... De repente, esse PIBID é uma tentativa de estabelecer na formação do professor da área de Filosofia um contato mais concreto com a práxis, uma experiência de formação com uma experiência de corpo a corpo. Não é uma experiência que você desenvolve, tem que ser uma das coisas metafísicas, de Wittgenstein que é um dos autores mais metafísicos que existem no ponto de vista de dificuldades, de acesso. Então, a gente tem questões sérias, estruturais, de modelagem, de modelo, de princípios, de fundamentos que já estão abertas no pensamento filosófico pelos críticos da modernidade, mas que não estão assimiladas ainda, não estão de todo incorporadas no acervo, pelo menos porque o processo de desenvolvimento se deu numa velocidade assustadora. Tem problema de sustentabilidade, político, éticos, tem problema de todo o gênero para ser pensado como resolução do encaminhamento do desenvolvimento humano daqui para a frente.

PIBIC 2013/2014 – Os docentes estão tendo recursos para ministrar as aulas de Filosofia?

Dante – Os recursos até existem hoje em dia, se você começar a usar todas as tecnologias da informação, você tem possibilidade realmente de configurar o campo com mais riqueza, mas isso não é algo que está, depende muito do docente ele pode ter essa aparelhagem, dominar essa aparelhagem tecnológica, ele pode usar os ambientes virtuais e atuais de aprendizagem, ele pode dispor de textos clássicos que estão publicizados na rede, então qualquer pessoa tem acesso aos textos clássicos sem precisar pagar caro pelo livro impresso, porque muitas vezes o estudante não tem condições de ter uma biblioteca, mas hoje em dia se você tiver acesso a rede e tiver computador em casa, você tem livros virtuais ao infinito, então as condições são boas no ponto de vista tecnológico só que, como agenciar isso? A maioria dos professores não dispõe, só dispõe de certos meios limitados. Então, você não tem um incentivo geral para isto, ou você faz porque tem iniciativa de fazer ou então ninguém faz, fica esperando que o presidente, governador ou prefeito determine que você possa fazer.

PIBIC 2013/2014 – Sobre este incentivo, os docentes estão tendo uma formação continuada com relação ao ensino de Filosofia? A UFBA ajuda nesta formação docente, no caso a UFBA, instituição que o professor atua?

Dante – Na medida em que você tem cursos de pós-graduação (cada vez um número maior) tem sim as possibilidades da continuidade da formação. O problema é que se você quiser manter-se na área, vai tomar uma porrada. Se vocês vêm de licenciatura, licenciatura é o lado pobre da Filosofia, é o lado franciscano, é o lado que não tem valor, então, vá fazer uma seleção de Mestrado em Filosofia? Você vai tomar porrada, vão dizer que você tem que fazer nova graduação aqui conosco, segundo a nossa égide.

Claro! Um ou outro escapam e conseguem alguma coisa. Você tem outras linhas de fuga, você pode fazer mestrado

em educação, sociologia, psicologia, sei lá.... você pode fazer em outros lugares.... mas para isto você tem que ter uma determinação e uma força de vontade boa, senão você acaba sendo captado pela inércia do sistema.

PIBIC 2013/2014 – Como as instituições apoiam os licenciandos de Filosofia no processo de formação destes sujeitos envolvidos na construção de conhecimento. Que projetos (por exemplo) a instituição faz?

Dante – A instituição faz, muitas vezes, os grupos de pesquisas associados a esta área... por exemplo no programa de Pós-Graduação em Educação da UFBA tem uma linha de pesquisa *Filosofia, linguagem e práxis pedagógica*. Eu mesmo tenho orientado trabalhos de dissertação nesta área, de tese nesta área, muitos passaram, já formei doutores e mestres que trabalharam na Filosofia da Educação, trabalharam esse desenvolvimento conceitual visando a práxis transformativa pedagógica. Agora, isso é uma minoria. Estou te dando um exemplo e isso se espalha pelo Brasil todo. Você hoje em dia tem a área de Filosofia da Educação que é uma área que vem emergindo mais.... ela deixou de existir e agora está voltando a existir em virtude desta obrigatoriedade porque na verdade quem sempre pensou a filosofia na formação foram os filósofos que descambaram para a área de educação, estão nas Faculdades de Educação. Quem trabalha com educação e formação filosófica, como eu, ou uma formação própria como eu fiz, uma autoformação que descambei pra isso por interesse, por uma motivação, está vinculado a Departamento de Educação, a Faculdade de Educação e não a algum Instituto de Filosofia. Agora que você tem uma abertura para isto, alguns professores de Instituto de Filosofia estão dedicando sua pesquisa a formação desse quadro ligado a Licenciatura em Filosofia, inclusive. Então, isso já é um movimento significativo no Brasil que emergiram dos nomes que tomaram a

frente, por exemplo, a ANPOF criou um GT *Filosofar, ensinar, filosofar*. Há quanto tempo? Não tem nem dez anos a criação deste GT da ANPOF, mas já é um significativo avanço. Abriam uma brecha porque não existia essa brecha. A ANPOF tem uns GTs todos ligados a tradição. Um GT de Hegel, um GT de Heidegger, um GT de Schopenhauer, um GT de Wittgenstein, são GTs fechados. De repente, alguns marginais, como Silvio Galo, Walter Cohan e outros que hoje em dia se reúnem nesse GT vieram, inclusive, para aquele encontro que foi realizado em 2011 (em Amargosa)

Todo aquele grupo é um grupo de pessoas muito qualificadas da área e estão ligadas a maioria a departamentos de educação, trabalhando com a formação nesta perspectiva... trabalhando com a Licenciatura em Filosofia para a Educação básica, uma filosofia menor. Vamos botar entre aspas, é uma filosofia menor que está ao alcance de todos. Se alguém quiser ser especialista, vá fazer a formação superior, vá sentar a bunda como ele fez, na sua solidão, no seu castelo, ele e o texto canônico, como se fosse um texto sagrado, ali, na meditação silenciosa, profunda, quase inaudível para qualquer um.

PIBIC 2013/2014 – Professor, o senhor falou do retorno da filosofia, que ela teve esse entre e sai nos currículos da escola. Ai eu faço uma pergunta que o senhor mesmo fez num dos seus artigos: O que você tem a dizer a propósito do retorno obrigatório da Filosofia no Ensino Médio?

Dante – Essa obrigatoriedade, hoje, se mostra como uma faca de duas saídas, de dois gumes. Tanto ela pode ser uma linha de fuga importante na reforma da educação nacional, na modelagem da educação nacional, como ela pode ser uma reivindicação, um *status quo*. Ela pode ser uma reivindicação disciplinar, ela não sai da disciplinaridade, não vai para a inter, não vai para a trans no sentido de uma expansão. Então, é nessa perspectiva que a gente deve começar a pen-



sar, neste processo de repente, qual é a saída para isto? O que se pode fazer em torno disto aí? Ou se pensa em alternativas no sentido de reformando o currículo da escola e fazendo com que a filosofia seja uma atividade prazerosa, presente em tudo. Se criar com a filosofia a atitude das pessoas em relação ao saber, ao conhecer para elas aprenderem a perguntar, aprenderem a ouvir, aprenderem a falar, aprenderem a escrever, aprenderem aquilo que é próprio da condição humana, a aprendizagem de suas funções, de suas dimensões. Isso é possível dentro de uma linha de fuga, mas dentro deste modelo que aí está posto nós corremos o um risco de fazer da filosofia uma área completamente desinteressante, completamente desvinculada da realidade existencial das pessoas o que afasta, então, claro! Tem existido movimentos que estão visando fazer com que a filosofia entre com uma atividade viva, vital, criadora, lúdica, estética, poética, ética, essencialmente no sentido não moral, ético, que abra uma perspectiva vigorosa, criadora, abrangente, mas isso ainda está em movimento. Agente não sabe qual é o futuro disso, isso pode cair numa estratificação contrária ao que é um movimento do tempo presente, um movimento expansivo, complexo e ao mesmo tempo dispersivo e arriscado, é preciso, mais do que antes pensar, aprender a pensar, mas não é aprender a pensar para que você se torne um filósofo de profissão, não! Aprender a pensar para você dá conta da vida, da existência, isso é seria a filosofia da educação básica. Se ela não chegar com esta perspectiva de transformação ela vai concorrer com as outras disciplinas que estão bem consolidadas, sobretudo aquelas fortes disciplinas como matemática, português, e no caso, hoje em dia, provavelmente biologia, química, que são disciplinas fortes, áreas de conhecimento fortes. A química, hoje em dia, está ligada a indústria bélica, a física está ligada a tona esta parafernália tecnológica, mais avançada, ligada a

indústria do capital forte. E a Filosofia? Para que serve? Vai entrar onde? Você é filósofo para fazer o quê? Leitura de pensamento dos outros? Não, filósofo canônico não faz isso, ele é especialista na exegese, tal texto escrito. E aí? Quantos vão ter acesso, principalmente o filósofo profissional ele vai ser um especialista importante para alimentar os dicionários e as enciclopédias existentes no mundo, vai fazer um verbete... vai aprofundar uma coisa, vai publicar livros, enfim... Sim, isso é para quantos? Quantos vão querer ser gramáticos ou filólogos ou coisas do gênero? Poucos, sim, e aí? Se a Filosofia não tiver característica inovadora dentro do currículo, ela vai se estratificar ... E daqui a pouco vem alguém.... já ouvi isso de alguns colegas no encontro que tivemos em Recife, no ano passado, em dezembro, o Congresso Nacional de Professores de Filosofia, em Recife. Então, um dos colegas (esqueci o nome dele) levantava isso: Bom! Tem a lei, ela está sendo aplicada, mas o que nós estamos fazendo com isto? A depender do que estamos fazendo com isto, a depender dos resultados, pode vir um... um sujeito no congresso com uma lei dizendo a CAPES com a obrigatoriedade da Filosofia... aliás, o que seria... não problema, porque a obrigatoriedade da Filosofia acaba sendo uma imposição não benéfica, ela não favorece de imediato o processo, mas aparentemente favorece. Mas, se você for analisar não favorece... então, você tem uma situação que a filosofia volta, mas ela pode desaparecer, pela sua inutilidade, ela é inútil. A gente sabe que a atividade filosófica é inútil no conceito de utilidade que se tem imediata, porque ela se presta para qualquer coisa, para qualquer dimensão especulativa, ela é muita coisa e não é nada. Então, por isso, se buscou, talvez, a especialização do canto para dar consistência ao chamado produto filosófico ou aquilo que é pensar contemporâneo. Então, a gente está aí numa situação que é essa no momento você tem a obrigatoriedade e não



tem as condições adequadas, você tem uma imposição de modelagem que vem de cima para baixo, quase exigindo que se faça história, mas isso não é uniforme, graças a Deus, graças aos deuses, não tem uma uniformidade, mas alguém gostaria de dar essa uniformidade, de cima para baixo. São pessoas com força e política com capacidade de decisão. Isso é capaz de chegar um determinado momento que você vai receber um pacote pronto como professor para desenvolver como na matemática tem, como na literatura tem, como no português tem. Isso é terrível, é um assassinato da Filosofia. Já imaginaram um professor de Filosofia que não seja filósofo? Isso é uma tragédia... Mas, como é que vocês podem ser filósofo se não tem condições históricas, culturais, nós não temos aqui, isso não é lugar de pensamento ainda mais deste lado do Equador onde vivemos, nessa temperatura calorosa, não é lugar para pensamento, vocês tem que estar numa montanha fria, essa é a visão geral do pensamento, então estamos numa situação complexa. Tem muitas linhas de fuga, mas não sabemos de fato se isso vai interessar ao sistema capitalista dominante que rege hoje em dia, dar as regras de cima pra baixo para o mundo todo. Estão, a gente está vendo um sistema curiosíssimo de homogeneização, o Banco Mundial, o FMI, a própria UNESCO estão se intrometendo naquilo que deve ser feito em todo o país; hoje você é obrigado a produzir, a escrever, a publicar, mas não em qualquer lugar, no lugar que eles acham que tem que publicar, nos lugares que estão já qualificados, que recebem um selo de garantia como hoje em dia os produtos comercializados estão recebendo; a carga está recebe o selo de garantia de origem, que é um conceito que os europeus desenvolveram já há muito tempo em relação a todos os produtos deles, locais. O vinho recebe um selo de origem; a ôliva recebe um selo de origem; E a Filosofia vai receber um selo de origem dizendo...: não,



— você está qualificado porque você publica aqui ou ali, tem muitas questões em aberto, não tem futuro isso aí, é incerteza pura. Alguém pode chegar daqui a pouco dizer: retire-se a filosofia e a sociologia como disciplinas obrigatórias. O sistema não deu conta disso, para que a obrigatoriedade? Vamos tirar de novo. Essa oportunidade que agora se mostra pode ser negada, ou melhor, pode desaparecer em virtude do próprio movimento do processo civilizatório em curso. Para que pensar? É um incômodo. Já pensou? Porque uma pessoa tem que aprender a pensar? Pra quê? Para ficar fazendo perguntas? Para ela ficar descobrindo as coisas? É melhor que ela fique na caverna, que ela fique adormecida. Essa é a mentalidade vigente. Quanto menos pessoas estiverem pensando mais fácil é você controlar o processo de modulação social, você estabelecer uma obrigatoriedade moral, você estabelecer, hoje em dia está uma loucura, está tudo disperso, está fora de controle, qualquer pessoa tem acesso ao conhecimento mesmo que não vá a escola se quiser aprender, aprende, se quiser filosofar filosofa como todos os filósofos fizeram na história. Estudaram porque tiveram o desejo de estudar e não porque tinham um chicote que os obrigava a fazer isso, tinham talento e disposição, é assim que tem que ser. Pensem bem.! De repente esta obrigatoriedade que está posta pode ser um problema. Porque você não tem estrutura para dar conta desse educador que é filósofo, porque, primeiro, não está autorizado, ninguém se autoriza. Todos os filósofos são autorizados, por isso se tornaram filósofos, de repente, se você não tiver a bênção de Kant você não pode ser autorizado, se não tiver a bênção de Wittgenstein e Heidegger você não pode, mas já estão mortos, você tem acesso ao espírito? Como eles vão dar a bênção se estão mortos, como eles vão dar? Tem acesso ao espírito? Ou então aos representantes papais, ao papa que representa a igreja, ou aos papas da Filoso-

fia, os papas e seus bispos, “eu te dou aqui o rótulo, você está qualificado”

Não existe isso, o ser humano está em desenvolvimento por conta própria, no sentido coletivo, cada um pode se empoderar hoje em dia, através de diálogos, então nós vivemos, paralelamente, uma expansão do conhecimento fora do controle, devido a própria tecnologia, ela abriu para todos nós a possibilidade de qualquer um acessar as fontes de conhecimento diretamente sem a mediação política de poder, como antigamente se fazia, era para poucos, não tem dinheiro para comprar, não tem acesso a informação, hoje você tem acesso. É preciso você fazer uma evolução isomática, expandir o processo para além dos muros, para além dos limites estabelecidos. Agora é preciso pessoas jovens tomar as rédeas e dizer: não, filósofo é aquele que aspira, não é aquele que sabe, é aquele que se reconhece vazio, esse é o filósofo socraticamente falando eu sou filósofo. Só que esta modelagem foi deixada de lado aí se constituíram horizontes mais estratificados, muitos filósofos, mas cada um pode dizer: eu sou filósofo, não quero ser profissional de Filosofia, sou filósofo, porque penso, penso a mim mesmo, penso as relações, penso. E o pensar não é grande coisa não, porque o pensar também é errado, quem pensa erra, quem pensa fica cego de coração. Os poetas já falaram muito sobre isso, sobre pensar não é algo que nos coloca numa atividade, em geral você pensa no que já passou, o pensamento é muito condicionado ao passado.

Mas vamos pensar, agora, numa função do pensamento extrapola essa dinâmica mecânica do cérebro, da mente. Isso também nós temos acesso, só que é um acesso muito direto, está aí para todos, só que a gente tem que ligar uma chave por conta própria.

PIBIC 2013/2014 – O senhor nos apresentou dois extremos muito importantes: a Filosofia como atividade vital e a

sua inutilidade. E a gente pensa na questão: diante do percurso histórico da Filosofia qual é a importância dela para a construção dos sujeitos?

Dante – A filosofia pensada como atividade radical, de reconhecimento das condições ontológicas, sociais, políticas, éticas e estéticas é vital. Mas isso não é algo que se ensine, através de conteúdo, é o que você pode fazer aprender, você pode por atividade, por movimento dialógico se envolver nas pessoas, essa habilidade de pensar próprio (próprio de apropriado) ela tem muita utilidade neste sentido formativo, se ela for esse eixo formativo ela perpassa tudo, todos os campos, ela não é uma mera disciplina de conteúdo na educação básica (não deveria ser) ela é uma atividade criadora, aberta, o próprio ensinar Filosofia é uma atividade criadora. Se a Filosofia tiver esta função: potencializar a ação humana para a área transformação. Ela é imprescindível, mas se ela for apenas um elemento a mais nos conteúdos escolares, sinceramente, aí ela é inútil mesmo, porque ela não vai empoderar, ela não vai potencializar, ela não vai abrir o horizonte para a criação, ela não vai fazer a diferença, ela vai re-esticar o que está já está instituído. Então, se ela tiver essa função forte de ser um eixo de organização do processo formativo, a Filosofia sempre se abriu para esta dimensão de totalidade, se ela não tiver essa totalidade, nenhuma totalidade sedimentária como hoje se pensa, para que serve? Você vai aprender o quê? Aplicar a lógica formal? Onde você vai aplicar a lógica formal? Na Idade Média se faziam as escutas lógicas (e fazia sentido) mas hoje em dia o argumento linear serve para quê? Para você ser político? Para você numa empresa vender os produtos? Para você ser um atendedor de *call center* para convencer o outro? Pra que serve essa argumentação filosófica? É só isso a filosofia? Não tem um lado da experiência própria, intransferível que a gente pode chamar de poética,



mística. Isso não faz parte da Filosofia, não é apartado da Filosofia, é só razão? Pensemos nisso... Se ela não tiver uma função de eixo geral para todos, atitude que vai perpassar em todos os campos aí ela é maravilhosa. A gente tem que pensar na formação para isto, essa formação não existe é uma formação dialógica que ainda não está posta. Mas, se é isso aí, esse modelo já pré-formado que chega apenas para reificar uma estratificação? Sim? Esse modelo vai dar em quê? Em que empoderamento? Que transformação isso vai gerar em termos de desenvolvimento humano? O desenvolvimento humano está na pluralidade, para a diferença, para a diversidade, é isso que nós precisamos do heterogêneo. O ser humano sempre teve medo do heterogêneo. Tanto é verdade que a palavra PANE vem de PAN, que é o deus em tudo, digamos, panteísmo, o pan é tudo. A pane se dá na experiência da abertura para a diversidade, então você busca um elemento uniforme para superar o pânico, então você busca uma linha condutora única, só que nós somos seres da diversidade, da singularidade, da experiência criadora, então se não caminhamos nessa direção, nós vamos esperar uma Filosofia na formação humana? Muito pouco, muito pouca potencialização, muito pouca transformação, muito pouca mudança, muito pouca variação. Vão continuar existindo os sagrados e os profanos, que são a maioria. Os sagrados já estão no Olímpio, já não mais existem corporalmente, já passaram, mas não passaram, porque, de repente, são referências.

Referências

CARTOLANO, Maria Teresa P. *Filosofia no ensino de 2º grau*. São Paulo: Editora Cortez, 1985.

GALEFFI, Dante Augusto. *Uma compreensão poemático-pedagógica para o fazer-aprender Filosofia na escola média*. 1998.

Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

GALLO, Silvio; KOHAN, Walter Omar (Orgs.). *Filosofia no ensino médio*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. (Coleção Filosofia na Escola, 6).

HORN, Geraldo Balduino. A presença da filosofia no currículo do ensino médio brasileiro. Uma perspectiva histórica. In: GALLO, Silvio; KOHAN, Walter Omar (Orgs.). *Filosofia no ensino médio*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. (Coleção Filosofia na Escola, 6).

KOHAN, Walter Omar; LEAL Bernadina; RIBEIRO, Alvaro (Orgs.). *Filosofia na escola pública*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. (Coleção Filosofia na Escola, 5).

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Ministério de Educação e Cultura. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

SOUZA, Sonia Maria R. *Por que filosofia?: uma abordagem histórico-didática do ensino da filosofia no 2º grau*. 1992. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.